

Eduardo Dias e João Louzada: dois comunistas em um bairro operário de São Paulo, 1935-1955

Eduardo Dias and João Louzada: two communists in a São Paulo working-class neighborhood, 1935-1955

Adriano Luiz Duarte*

Resumo: O texto apresenta a atuação de dois comunistas, Eduardo Dias e João Louzada, no bairro operário da Mooca, em São Paulo, entre os anos de 1935/1955. Discute suas relações com o mundo do trabalho, a militância comunista, as atividades nas redes de lazer e nas associações populares que emergiram na cidade naquele contexto.

Palavras-chave: comunistas, trabalho, lazer, associativismo.

Abstract: The text focuses on the action of two communists, Eduardo Dias and João Louzada, in the neighborhood of Mooca, in São Paulo city, between 1935 and 1955. It discusses their relations with the labor world, communist militancy, their connections with leisure networks and popular associations that emerged in the city in that context.

Keywords: communists, labor, leisure, associativism.

Os personagens

EDUARDO DIAS nasceu em 1917, na Espanha, e chegou no Brasil aos nove anos, com toda a família, em março de 1926. Como tinham parentes em São Paulo, conseguiram evitar as lavouras de café e seguiram direto para um cortiço no bairro operário do Alto da Mooca:

Cada porta um corredor imenso, com dez, vinte quartos enfileirados onde se amontoavam as famílias, formando os cortiços imundos, antecessores das

* Doutor em História Social pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: adrianold@uol.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5303-0970>.

favelas de hoje. O quarto tinha uma área de três por quatro metros, onde seis pessoas: meus pais, minhas duas irmãs, minha avó e eu dormíamos, comíamos, conversávamos... só não fazíamos as necessidades fisiológicas (...) um desastre. A cozinha ficava no fundo do corredor, onde junto com três mulheres minha mãe cozinhava, cada uma com um fogão a carvão (...) outra cozinha era ocupada por cinco mulheres, nas mesmas condições...¹

Cada família ocupava um quarto de três por quatro metros, duas cozinhas e um único banheiro para todas as 54 pessoas. Em 1904, o jornal *Fanfulla* estimava que um terço da população da cidade morava em cortiços.² Mas não eram apenas os jornais operários que descreviam as moradias como inadequadas e insalubres, quase todas as fontes disponíveis no período corroboravam essa impressão. Os *Anais do Primeiro Congresso da Habitação em São Paulo*, realizado em 1931, registraram:

(...) atentando-se a que em São Paulo habitam em casinhas anti-higiênicas, sem ar, sem luz, sem conforto, numerosa população operária (...) Um dos aspectos mais dolorosos da questão proletária é sem dúvida o do alojamento precário, insalubre e quase sempre nojento que tem a maioria dos que formam as classes pobres (...).³

Não surpreende que Eduardo Dias e seus amigos chamassem a vila onde moravam de “*vila la mierda*”. A despeito das precárias condições de moradia, os aluguéis consumiam, em média, 25% da renda das famílias operárias.⁴ Todavia, mais pesado do que isso era o papel representado pela alimentação que, em média, tomava 50% da renda familiar. O terceiro item nos gastos de uma família operária era o vestuário, ocupando em média 15 a 16% dos gastos totais. Apesar disso,

Tanto os homens quanto as mulheres operárias tinham apenas as peças indispensáveis para o trabalho, poucas peças “caseiras” e de “passeio”. Alguns não teriam, inclusive as roupas de baixo, casacos, pares de meia, sapatos ou chinelos.⁵

A maioria dos trabalhadores urbanos – e acredito que a generalização possa ser estendida para além da cidade de São Paulo – trabalhava muito, morava mal, se alimentava com enorme deficiência e se vestia muito precariamente; isso, certamente, se refletia nas condições de saúde, pois eram altos os índices de febre tifoide, disenteria, sarampo, lepra, meningite e tuberculose. Doenças agravadas pela falta de saneamento básico, de água encanada e de

1 DIAS, Eduardo. **Um imigrante e a revolução**: memórias de um militante operário, 1934/1951. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 17.

2 PINHEIRO, Paulo Sérgio; HALL, Michael. **A classe operária no Brasil**: condições de vida e de trabalho, relações com os empresários e o Estado. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 43. As referências a seguir foram apresentadas em DUARTE, Adriano. Os trabalhadores urbanos nas décadas iniciais do Brasil Republicano, 1989-1930. In: ROLIM, Rivail (org.). **História do Brasil República**: estado e sociedade, 1989/1945. Maringá: Eduem, 2012.

3 **ANNAES do 1º Congresso de Habitação**. São Paulo: Escolas Profissionais do Lyceu Coração de Jesus, 1931, p. 347.

4 DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. **A vida fora das fábricas**: cotidiano operário em São Paulo 1920-1934. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 28.

5 DECCA, op. cit., p. 38.

serviços públicos de saúde.⁶ Sobravam poucos recursos para lazer e instrução. Em seu livro de memórias, Eduardo Dias conta as agruras – comuns a homens e mulheres – naqueles anos. Jornadas de 12 horas de trabalho ininterruptas, suspensão do direito de férias, limitação da mobilidade de trabalho, imposição de obediência irrestrita nas fábricas, disciplinamento, com militares armados, como condição para se aumentar a produção, responsabilização dos operários pelo pagamento de peças defeituosas e problemas de saúde acarretados pela péssima qualidade das matérias-primas utilizadas, tais como sinusite, reumatismo, problemas de coluna etc. Nas suas memórias, somos defrontados com os limites físicos da exploração, que marcavam as experiências fabris no Estado Novo, uma zona limítrofe onde se encontravam a violência, a extenuação física e a exclusão social. Os menores de 14 anos e as mulheres eram ainda mais sujeitos à violência fabril. Além disso, sua presença no chão da fábrica tendia a rebaixar os salários dos homens adultos; por isso, uma das mais importantes bandeiras do movimento operário era a proibição do trabalho de menores de 14 anos e a limitação do trabalho noturno para as mulheres. Em 1912, o chefe da seção de informação do Departamento Estadual do Trabalho, órgão oficial do governo do estado de São Paulo, redigiu um relatório de visita a fábricas têxteis da capital e de Santos em que apontava:

Dos 10.204 operários recenseados, em 23 fábricas visitadas, 2.648 são do sexo masculino e 6.801 do feminino. Dentre as 6.801 operárias, 1.706 são maiores de 22 anos, 2.966 têm entre 16 e 22 anos, 1.885 têm entre 12 e 16 anos e 244 têm idade inferior a 12 anos. Entre os operários, 1.825 são de idade superior a 16 anos, 696 têm idades compreendidas entre 12 e 16 anos e 127 são menores de 12 anos.⁷

O pai de Eduardo Dias o levava, desde criança, às manifestações de 1º de maio na Espanha. Com um cravo vermelho na lapela, o pedreiro analfabeto sempre participava das manifestações do clube socialista: “meu velho não tinha formação nenhuma política. Sua participação se limitava a isso. Tinha, porém, uma consciência de classe fora do comum”.⁸ Depois de 1932, Dias se envolveu em diversas brigas com os “galinhas-verdes” (os simpatizantes de Benito Mussolini), que não eram poucos no bairro da Mooca. Em 14 de novembro de 1933, vários agrupamentos de esquerda (comunistas, trotskistas, anarquistas e socialistas) organizaram uma conferência anti-integralista na União das Classes Laboriosas, na rua Roberto Simonsen, no bairro da Sé. O evento reuniu cerca de mil pessoas e, na saída, um grupo de integralistas tentou intimidar os participantes, mas foi rechaçado.⁹ Em 25 de janeiro de 1934, grupos antifascistas promoveram um comício, às 12h, no largo da Concórdia, no Brás, contando com grande adesão de operários. Não obstante, a polícia interveio de forma violenta, dispersando

6 **ANAIS Paulistas de medicina e cirurgia**. São Paulo, ano XI, n. 9, 1928, p. 96-100.

7 PINHEIRO e HALL, op. cit., p. 61. Mas o próprio autor do relatório desconfiava que os números de menores de 12 anos fossem maiores do que o computado. O rendimento aferido por essas crianças era possivelmente fundamental para a sobrevivência familiar; portanto, tanto os operários quanto os patrões omitiam a idade dos pequenos trabalhadores.

8 DIAS, op. cit., p. 29.

9 RODRIGUES, André. Bandeiras negras contra camisas verdes: anarquismo e antifascismo nos jornais *A Plebe* e *A Lanterna*, 1932-1935. **Tempos Históricos**, v. 21, n. 2, 2017, p. 74-106.

a manifestação: “E assim, a tiros, a patas de cavalos foi disperso o comício antifascista e ferido o direito de liberdade popular”.¹⁰ A tensão estava no ar e explodiu no domingo, 7 de outubro de 1934, no maior confronto de rua entre fascistas e antifascistas, quando os integralistas pretendiam celebrar o segundo aniversário do seu manifesto. Eduardo Dias e um grupo de amigos estavam na praça da Sé quando antifascistas puseram os camisas-verdes do integralismo, mesmo com o apoio e a cobertura da polícia, para correr. Ele descreveu assim aquela manhã:

Cavalarianos da força pública se aproximavam. Chegavam pela rua Boa Vista. Concentravam-se no Pátio do Colégio. Os esquadrões são distribuídos. Alguns cavalarianos ficavam perto do relógio, [no fundo da praça, entre as ruas Quinze de Novembro e Wenceslau Brás] (...) a guarda civil chega em carros abertos. Dois grupos de metralhadoras são colocados na praça com a rua Senador Feijó. Outra na esquina da Felipe de Oliveira. Policiais à paisana estão pelas calçadas da praça atentos a qualquer movimento. A tensão aumenta. Delegados transmitem ordens nervosamente. Os policiais todos estão tensos. Os cavalos, parecendo prever algo de anormal, movimentam-se inquietos (...) tudo é silêncio.¹¹

Vindos da avenida São João, em marcha cadenciada, formando várias filas indianas, lado a lado, os integralistas entraram pela rua Quinze de Novembro. O temor da polícia era que os antifascistas viessem da praça João Mendes, e as metralhadoras da guarda civil estavam apontadas naquela direção. Rapidamente, a praça da Sé ficou lotada. No dia seguinte, os jornais anunciavam aproximadamente dez mil camisas-verdes.

Os chefes empavonados sobem nas escadarias da catedral (...) tudo pronto. O espetáculo vai ter início. O chefe vai dizer alguma coisa. Silêncio. Todos atentos. Não disse nada. Balas começam a pipocar de vários lugares (...) as metralhadoras apontadas para a praça João Mendes se voltam para a praça da Sé. Começam a disparar rajadas sem conta. Confusão generalizada. Pânico. Os dez mil integralistas se atropelam (...) os chefes, antes tão seguros, agora parecem ratos (...) os policiais ficam tontos, não sabem o que fazer.¹²

No ano seguinte, em meio à organização da Aliança Nacional Libertadora, no bairro da Mooca, Dias entrou para o PCB. No início, ajudava a distribuir clandestinamente os exemplares do jornal *A Classe Operária*.¹³ Depois do levante em Natal, em 1935, o medo e o isolamento tornaram-se ainda piores. “A partir daí, [ele ponderou] a indústria do anticomunismo iria render altos dividendos.”

10 Jornal **A Plebe**, São Paulo, p. 4, 27 jan. 1934 apud RODRIGUES, op. cit., p. 96.

11 DIAS, op. cit., p. 31. Ver também: ABRAMO, Fúlvio. **A revoada dos galinhas-verdes**. Coleção Baderna. São Paulo: Veneta, 2014.

12 DIAS, op. cit., p. 31.

13 O jornal *A Classe Operária* foi um dos mais importantes periódicos de organizações partidárias de esquerda da história brasileira. Foi lançado em 1º de maio de 1925. Seus fundadores foram Astrogildo Pereira e Octávio Brandão Rego, que tinham a colaboração de José Lago Morales e Laura Brandão. Desde então o jornal circulou com grandes períodos de interrupção, mudanças de nome e de linha editorial. (BRASIL, Bruno. *A classe operária*. Hemeroteca. 23 jul. 2014. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/artigos/a-classe-operaria/>. Acesso em: abr. 2022). Não deixa de ser curioso ele contar que a sua adesão ao partido significou também uma forma de isolamento dos antigos colegas. Afinal, as tarefas políticas, os debates e as reuniões, num momento de crescente repressão política, não faziam muito sentido para a maioria dos seus amigos.

João Louzada nasceu em 31 de julho de 1920, no bairro do Brás. Seu pai era um imigrante espanhol que se mudou para o Brasil para não servir ao exército e ser enviado para “matar negros” no norte da África. Sua mãe era brasileira, filha de italianos. Eles se conheceram em Minas Gerais, quando ele trabalhava como pedreiro na construção de estações ferroviárias. No final de 1926, a família Louzada se instalou na Mooca de Baixo, uma área contígua ao Brás, onde os aluguéis eram mais baratos.¹⁴ Em 1932, João começou a trabalhar na fábrica de vidros Nadir Figueiredo, no bairro do Belém. Posteriormente, transferiu-se para uma fundição, que fabricava cavalinhos de chumbo. Aos 14 anos, entrou na Tecelagem Mariângela, uma das maiores indústrias têxteis da cidade, com aproximadamente 1.800 trabalhadores. Política era parte das discussões familiares na casa dos Louzada. A morte, por eletrocussão, em 23 de agosto de 1927, de Nicola Sacco e Bartolomeu Vanzetti marcou profundamente sua infância. Todavia, o momento decisivo para sua aproximação do comunismo se deu com o início da guerra civil na Espanha, em 1936. Ele já participava das reuniões organizadas por seu pai para discutir com os amigos os rumos da guerra. Foi nesses encontros que se consolidou uma forte aversão ao nazifascismo.

João Louzada foi candidato a vereador na cidade de São Paulo, em 1955, pelo Partido Social Progressista (PSP). Recebeu 6.070 votos, mas alcançou apenas a suplência. Em seguida, ingressou com recurso no Superior Tribunal Eleitoral, tendo seu pedido atendido. Tomou posse como vereador em 27 de junho de 1956, seis meses depois de iniciada a legislatura.¹⁵ Em 1959, foi candidato pela segunda vez, ocupando novamente a suplência, dessa vez pelo Partido Trabalhista Brasileiro.¹⁶ Ao longo desses quase oito anos, João Louzada sempre fez parte da Comissão de Urbanismo, Obras e Serviços Públicos, o que parece ser bastante adequado à sua condição, na época, de trabalhador da construção civil. Em 1964, Louzada teve o seu mandato cassado, sendo preso por um período. Depois de solto, preferiu manter-se na clandestinidade até o seu processo prescrever.¹⁷ Mas quais foram as condições que o levaram a essa eleição?

Minhas duas principais fontes documentais neste estudo são um livro de memórias e uma série de entrevistas, por isso é necessário fazer uma breve observação. Em primeiro lugar, é importante registrar que em ambos o testemunho não é um simples rememorar, mas é um refazer da própria trajetória. Se essa parece ser a regra em todo trabalho de memória, talvez seja ainda mais decisivo quando se trata de militantes políticos. Nesse caso específico – dois comunistas –, o testemunho é uma forma de combate, é um ato de guerra (de uma guerra que não acabou), no qual a narração de cunho pessoal, as impressões e registros

14 LOUZADA, João (depoimento, 1998). Entrevista concedida ao autor. São Paulo, 6 nov. 1998.

15 CÂMARA Municipal de São Paulo. Centro de memória CMSP, v. 13, 1956, p.119-20. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/vereadores/>. Acesso em: 19 abr. 2022.

16 Nessa legislatura, João Louzada ocupou interinamente sua cadeira na Câmara, ao que tudo indica até o final da legislatura, em dezembro de 1962.

17 PORTAL da Mooca. João Louzada. Disponível em: <http://www.portaldamooca.com.br/joao-louzada/>. Acesso em: maio 2020.

sensíveis da condição social do narrador estão inseridos e decantados pelo tempo, se apresentando, portanto, de forma mais coerente. Isso parece dar razão ao argumento de que só perde o sentido aquilo que no presente não é percebido como visado pelo passado.¹⁸ O passado não é apenas algo revisitado “ou uma ideia inspecionada por nosso espírito”, ele é, isto sim, “alargado” – como sugeriu Marilena Chauí – “pelas fronteiras do presente, lembrança de promessas não cumpridas”.¹⁹ Percebi isso em meu encontro com João Louzada. Primeiro, fiz com ele um contato telefônico. Depois desse contato, marcamos uma reunião em uma padaria, próximo a sua casa. Nesse encontro, ele me perguntou quais eram os temas sobre os quais eu queria conversar. Feito isso, ele foi para casa e marcou comigo um novo encontro para dali a uma semana. Quando cheguei nesse segundo encontro, ele abriu um pedaço de papel no qual tinha anotado todas as respostas aos temas que eu havia mencionado. Tudo estava pronto e resolvido para ele de acordo com um trabalho de reconstrução feito pela própria lógica do militante partidário, cujo testemunho é sempre resultado da interação de um grupo particular e específico. Ou seja, em ambos os casos não se trata da “experiência vivida em estado puro”, devemos entender que esses testemunhos “mostram menos a experiência direta dos informantes do que o resultado do trabalho que a memória faz com essa experiência”.²⁰ Mas talvez por isso eles sejam tão fascinantes.

O Estado Novo

AS CONDIÇÕES DE TRABALHO na indústria têxtil sempre foram muito ruins, mas a partir de 1935, com a decretação do estado de sítio, em 26 de novembro, tendo como justificativa a revolta comunista deflagrada no dia 23, as condições ficaram ainda piores, sobretudo porque limitaram-se as possibilidades de tornar pública a situação. As duras condições de trabalho e os riscos de prisão exigiam ações criativas e os membros do partido produziam boletins clandestinos, muitas vezes copiados à mão, que eram espalhados pelos banheiros e entre as máquinas, porém raramente entregues de mão em mão. Foi nessa experiência de semiclandestinidade que João Louzada teve contato com o PCB.

Em 1935, houve uma greve na Mariângela, do Matarazzo. O mecânico com o qual eu trabalhava era um dos cabeças daquela greve. Ele e um mestre da fição chamado Antônio Mesquita. Mas eles [os comunistas] não iam na frente, porque a prisão era dura, eles só iam meio de longe. Eu, como era menino, pegava aquelas bolinhas de gude e jogava no paralelepípedo, naquele tempo não tinha asfalto, para quando a cavalaria chegasse os cavalos escorregar e cair.²¹

18 LEVI, Primo. **Os afogados e os sobreviventes**. Os delitos. Os castigos. As penas. As impunidades. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

19 CHAUÍ, Marilena. Os trabalhos da memória. In: BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Edusp, 1987.

20 HALL, Michael. História oral: os riscos da inocência. In: Secretaria Municipal de Cultura. **O direito à memória**: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: SMC, 1992.

21 LOUZADA, idem, 1988.

Em certo sentido, o estado de sítio normalizou as precárias condições de trabalho que se estenderam por uma década, até o final da II Guerra Mundial. Com sindicatos sob intervenção e jornais censurados, o Estado Novo começou bem antes de 1937 para os operários. Eduardo Dias qualificou o Estado Novo como “a noite fascista (...) ditadura aberta, sem meio-termo. Tudo às claras, nova arrancada para o terror policial...” no trabalho, ninguém mais brincava, todos sentiam o ambiente carregado. “Não se tinha o que ler. Os jornais nada informavam. Eram folhas vazias. Sem sentido. Só elogios ao governo. Os livros sumiam das prateleiras. A censura comandava o espetáculo.”²²

Enquanto o governo Vargas celebrava o 1º de maio com grandes comícios oficiais no estádio de São Januário ou no Pacaembu, recolhendo as carteiras de trabalho na entrada e só entregando depois que terminassem os festejos, os comunistas da Mooca saíam às ruas e jogavam flâmulas do PCB, com a foice e o martelo, nos fios de eletricidade. “Era uma espécie de aranha que ficava nos fios. No dia seguinte, a polícia estava caçando por todo lado quem fazia aquilo.”²³ Em 1938, quando Eduardo Dias começou a trabalhar na indústria têxtil Gasparian, a demanda por tecidos havia aumentado muito devido à guerra. A empresa abriu uma filial no Belenzinho que operava 24 horas, com dois turnos de trabalho. Contudo, não era raro os operários dobrarem o turno.

Extenuados, muitos foram parar no médico (...) mal se conversava (...) o lanche era feito junto ao tear. Este não parava. Ganhava-se por produção. Ao término das 12 horas saía-se meio tonto. Ninguém tinha vontade de conversar (...) não me sentia satisfeito com isso. Sentia que estava sendo anulado como criatura. Estava me transformando em parafuso.²⁴

O clima era de medo. As prisões não cessavam. Por três moedas os colegas denunciavam os que simpatizassem com o comunismo. Dias menciona casos de cidadãos espanhóis denunciados à polícia – por anarquismo, socialismo, comunismo – e deportados para a Espanha franquista. Mesmo pichar as paredes (as frases mais comuns eram: abaixo a ditadura, anistia, viva a liberdade etc.) e distribuir o jornal do partido podia levá-los à prisão ou à expulsão do país. Em 1939, com mais três operários têxteis do Alto da Mooca, criaram a célula Gumercindo Andrade, sapateiro que fora assassinado pela polícia na famigerada prisão do Cambuci. Os três logo viraram cinco. As reuniões aconteciam na própria casa da família Dias. Na célula se discutia tudo: a situação mundial, a guerra, a ditadura no Estado Novo, as peculiaridades do estado de São Paulo, as dificuldades da vida na capital e as mazelas no bairro. Mas suas ações se concentravam na pichação dos muros, nas flâmulas na fiação elétrica, na distribuição da *Classe Operária* e no perigoso trabalho de recrutamento de novos membros, sempre os mais sérios, dedicados e trabalhadores. Em 1943, a Gumercindo Andrade participou ativamente na organização da conferência pró-franquias democráticas no

22 DIAS, op. cit., p. 37.

23 LOUZADA, idem, 1998.

24 DIAS, op. cit., p. 41.

teatro municipal. Era a primeira vez, em oito anos, que militantes comunistas de toda a cidade se reuniam em uma atividade política tão ampla. O fim da II Guerra e o fim do Estado Novo foram vividos como etapas de um mesmo processo “de batalhas pela liberdade (...) a noite de oito anos do Estado Novo se fora. O pesadelo fascista, amaldiçoado regime, terminara (...) a guerra, para nós, de uma ou outra forma, não terminara. Mudava de posição”.²⁵

“Redemocratização”

SEGUNDO *O Observador Econômico e Financeiro*,²⁶ a indústria têxtil brasileira ganhara, durante a guerra, mais de 1 bilhão de cruzeiros, embora existissem ainda em plena atividade máquinas produzidas em 1870, e a idade média daquelas em funcionamento na fiação e tecelagem fosse estimada em 30 anos.²⁷ Com a decretação do estado de guerra, em 31 de agosto de 1942, estabeleceram-se as condições legais para a suspensão de vários dispositivos da legislação trabalhista e da Constituição Federal, principalmente aqueles relacionados aos direitos civis e sociais. No mesmo dia da declaração do estado de guerra, o Decreto-Lei n° 4.639 autorizou a extensão da jornada de trabalho regular para dez horas nas empresas de serviços públicos e naquelas classificadas como de defesa nacional. O setor têxtil, principalmente o algodoeiro, foi declarado “indústria mobilizada”. João Louzada e Eduardo Dias tiveram suas jornadas de trabalho imediatamente estendidas, sem qualquer negociação sobre o correspondente aumento de salário.

Em 1941, João Louzada entrou para o ainda ilegal Partido Comunista do Brasil (PCB). Na época, ele trabalhava na Anglo-brasileira, na rua Catumbi. As jornadas regulares de trabalho eram de dez a doze horas e militares armados garantiam que a produção não fosse interrompida.

Aí a nossa empresa foi requisitada para esforço de guerra. Então veio um oficial do exército que ficou dirigindo a fábrica, quer dizer, tinha toda a gerência da fábrica, mas ele inspecionava tudo. Aí a gente não podia perder hora de serviço, não podia faltar de jeito nenhum. A fábrica deu um prêmio para quem produzisse mais pano para fazer as fardas dos soldados.²⁸

A situação se agravou ainda mais quando, em maio 1944, o *Combined Production and Resources Board* (agência governamental criada para integrar os recursos econômicos norte-americanos e britânicos no esforço de guerra e que funcionou entre 1942 e 1945) negociou com empresários do ramo têxtil o rateio das cotas de tecido de exportação, para abastecer

25 DIAS, op. cit., p. 53.

26 *O Observador Econômico e Financeiro* foi uma importante revista que veiculava os debates sobre desenvolvimentismo durante o governo Getúlio Vargas. A revista circulou de 1936 a 1962. Ver também: CORRÊA, Maria Leticia. Um estudo sobre o debate desenvolvimentista nas páginas de *O Observador Econômico e Financeiro* (1936-1954). *Anais [...]* ANPUH. São Paulo, 2018. Disponível em: https://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300846361_ARQUIVO_marialeticiacorreia_anpuh_2011.pdf. Acesso em: 25 abr. 2022.

27 DUARTE, Adriano. **O direito à cidade**: trabalhadores e cidadãos em São Paulo, 1942/1953. São Paulo: Alameda, 2018. Sobre tudo, capítulo I: Do estado de guerra às lutas cotidianas.

28 LOUZADA, idem, 1998.

os exércitos aliados, que caberiam ao Brasil. Segundo o acordo, o Brasil forneceria um total de 137,1 milhões de metros de tecidos.²⁹ Estabelecimentos de produção de fios naturais e sintéticos, tecelagens, malharias e acabamentos passaram a obedecer a determinações militares e, em muitas deles, oficiais das forças armadas determinavam o ritmo e a cadência do trabalho.³⁰ Todavia, por piores que fossem essas condições de trabalho, João Louzada e seus camaradas de partido as encaravam como parte do seu esforço para derrotar o nazifascismo: “a gente foi trabalhando e fazendo campanha. Aí fazíamos campanha para comprar cigarro, meias pros soldados”. Em 1944, enquanto se envolvia na campanha pela anistia dos presos políticos, Louzada recebeu das mãos de um oficial do Exército, no pátio da Anglo-brasileira, na frente de todos os trabalhadores, uma medalha por produtividade e um prêmio em dinheiro.

Era uma medalhinha com umas faixinhas verde e amarela, com o emblema da Força Expedicionária Brasileira. (...) Era o prêmio para quem fizesse mais produção (...) o próprio empregador disse que os trabalhadores deviam olhar o exemplo meu, que o Brasil precisava de operários assim, com responsabilidade.³¹

Antes de tudo, os comunistas tinham de ser um exemplo. Com a entrada do Brasil na guerra, o clima repressivo começou a abrandar. Os comunistas se empenhavam na campanha pela anistia dos presos políticos e preparavam a festa para o retorno dos soldados da FEB. “E só se discutia política, política (sic).” Mas uma coisa era contribuir para o esforço de guerra para derrotar o nazifascismo, no Brasil e na Europa; outra, bem diferente, era aceitar em silêncio a violência do Estado e dos patrões nas fábricas e nas ruas. Nesse mesmo período, João Louzada organizou uma comissão de fábrica para reivindicar aumento de salário e a redução das extenuantes jornadas de trabalho. Afinal, o esforço de guerra já não fazia mais sentido.

Eduardo Dias e João Louzada participaram de forma intensa na organização do Partido Comunista no pós-guerra. Dias que, desde 1939, tornou-se militante de tempo integral do partido, viveu de forma dramática a opção “apertar os cintos” e “conter os movimentos grevistas”, defendida pela direção partidária. Do mesmo modo, para ele era inaceitável a aproximação do partido com Getúlio Vargas.

Queríamos o poder para os trabalhadores. Amaldiçoávamos os políticos e generais que nessa altura manobravam para manter o regime de exploração infame com que vinham por tantos anos mantendo o povo à margem (...) o que dizíamos recebeu a ovação entusiástica do povo. Refletimos, portanto, os anseios da maioria. Exigíamos mudanças até as raízes.³²

29 STEIN, Stanley J. **Origens e evolução da indústria têxtil no Brasil 1850/1950**. Rio de Janeiro: Campus, 1979. p. 167.

30 BRASIL. Decreto-Lei nº 6.688. Declara de interesse nacional e mobilizadas as indústrias que especifica e dá outras providências. 13 jul. 1944. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-6688-13-julho-1944-379440-norma-pe.html>.

31 LOUZADA, idem, 1998.

32 DIAS, op. cit., p. 54. O período entre 1945 e 1964 tem sido intensamente debatido na historiografia social do trabalho. Até a década de 1980, de modo geral, o período era genericamente classificado como “República populista”. Nessa classificação, a ênfase era posta na ausência de autonomia da classe trabalhadora, que se expressaria apenas por meio das lideranças populistas (Getúlio Vargas, Jânio Quadros e Adhemar de Barros). No entanto, quando o movimento operário emergiu em 1978 com força e autonomia inesperada a historiografia começou a ser revista. Naquele momento ficou evidente que o conceito de populismo como simples manipulação

Para ele não havia dúvida: PSD, UDN e PTB eram todos partidos “dos donos do país, agora usando artimanhas, procurando dividir o povo, continuando eles, os latifundiários, os pecuaristas e a burguesia do pós-guerra, senhores do Estado”.³³ De um lado, as direções e a política de conciliação e de contenção das greves; de outro, as bases, saídas de uma experiência fabril duríssima empurrando para uma mudança verdadeira que impedisse a continuidade de quem houvesse apoiado o Estado Novo na reconstrução democrática. Atropelando as lideranças, os comunistas da Mooca tomavam as ruas

as praças, as esquinas. Qualquer lugar servia para colocarmos uma mesa, subir e abrir o peito, convocando o povo para a batalha final. Aqui não tínhamos meio-termo. Falávamos a linguagem que por tantos anos de militância aprendêramos. Queríamos o poder para os trabalhadores...³⁴

A agitação das bases, que fora fermentada pela ação corajosa dos militantes comunistas durante o Estado Novo, apresentava seus resultados. No segundo semestre de 1945, ocorriam, semanalmente, comícios-relâmpago preparatórios para o grande comício pró-constituente marcado para o dia 27 de outubro, no estádio do Pacaembu. Em seu livro de memórias, Eduardo Dias contou que:

As lutas populares reivindicatórias movimentavam a Mooca por muito tempo, chegando a ficar este bairro conhecido como um dos maiores centros comunistas de então. Chegamos até, por volta de 1945/1946 a ter a nossa “praça vermelha” na confluência das ruas Oratório, rua da Mooca e avenida Paes de Barros. Os comícios aqui eram coisa de impressionar. O povo comparecia em massa. A politização por esta época era impressionante.³⁵

Segundo os relatórios dos agentes do Dops, a afluência média de público nesses comícios-relâmpago girava em torno de 1.000 pessoas.³⁶ Esse número de participantes talvez não fosse exagerado, levando-se em conta que os Comitês Democráticos (a organização e

e ausência de consciência mostrava-se insuficiente para explicar o período do pós-guerra. Com esse ponto de partida, uma historiografia renovada e, sobretudo, muito atenta às experiências concretas dos trabalhadores, numa perspectiva que se poderia chamar “história a partir de baixo”, nos mostrou uma complexidade muito maior do que a expressão “República populista” comportava. Cito alguns dos textos que, a meu ver, inspiraram e deram suporte a essa guinada historiográfica, publicados entre os anos 1970 e 1980. HOGGART, Richard. **As utilizações da cultura**: aspectos da vida cultural da classe trabalhadora. Lisboa: Presença, 1973; ALÉM, Sílvio Frank; PAOLI, Maria Célia. Os trabalhadores urbanos na fala dos outros: tempo, espaço e classe na história operária brasileira. In: LOPES, José Sérgio (org.). **Cultura e identidade operária**: aspectos da cultura da classe trabalhadora. Rio de Janeiro: Marco Zero/Museu Nacional, 1982. v. 3, n. 7, 1986; THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987; FRENCH, John. Workers and the Rise of Adhemarista populism in São Paulo, Brasil 1945-1947. In: **The hispanic American historical review**. v. 68. February 1988; LOPES, José Sérgio Leite. **A tecelagem dos conflitos de classe na “cidade das chaminés”**. São Paulo: Marco Zero/Universidade de Brasília, 1988; WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade, 1780/1950**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1969.

33 DIAS, op. cit., p. 53.

34 Idem, p. 54.

35 DIAS, op. cit., p. 55.

36 Em 3 de agosto de 1945, ocorreu o que foi, possivelmente, a primeira manifestação pública dos CDPs da Mooca. O evento foi na rua do Oratório, 1.414. O policial do Dops encarregado de acompanhar o encontro não informou o número de presentes, mas relatou que a reunião durou três horas e meia, e ficou decidido que as próximas manifestações, nos dias 30 de agosto e 2 de setembro, seriam feitas em espaço aberto, nas principais ruas do bairro. A esses dois comícios, segundo os agentes do Dops, compareceram, em média, cem pessoas, e os temas enfocados foram a assembleia constituinte e os “problemas do bairro”. Em 20 de setembro, ocorreu o terceiro comício, com a “presença de 600 pessoas, mais ou menos”. A afluência de público crescia rapidamente. Arquivos do Dops, prontuário n° 59.486.

base criada pelo PCB) tiveram uma presença marcante no bairro. Em três meses, depois da palavra de ordem que os lançou, a Mooca organizou quatro comitês: o Comitê da Mooca de Baixo, na rua da Mooca, 1.733; o Comitê do Alto da Mooca, na rua Oratório, 1.414; o Comitê do Lanifício Brasília, na rua Siqueira Bueno, 924; o Comitê da Água Rasa, na rua da Mooca, 5.090; e o Comitê Cidade Mãe do Céu, na divisa entre a Mooca e o Belenzinho. No entanto, para Eduardo Dias, a política de “apertar os cintos”, defendida pelas direções partidárias era inaceitável: “subiu demais e perdeu-se [das bases]” produzindo uma sequência infundável de desacertos:

Primeiro recebemos ordens para sermos contra a greve dos trabalhadores que paralisou São Paulo no início de 1946. Os comunistas seriam escorraçados pelos operários. Em nosso estado teríamos que apoiar o antigo procônsul da ditadura estadonovista, Ademar de Barros. A sucessão dessas medidas estapafúrdias viria como um raio nas nossas cabeças.³⁷

Eduardo Dias descreveu sua situação com a metáfora de um boxeador, que sobe ao ringue desprevenido e não para de levar socos; tenta reagir, mas, completamente grogue fica cada vez mais “perto do charco da traição”, para onde o partido fora levado na sucessão dos mais deslavados erros, cometidos por “espúrios dirigentes contra os interesses da classe operária”.³⁸ Primeiro, tivemos que evitar as greves, depois o apoio a Adhemar de Barros, em seguida a Jânio Quadros, candidato a prefeito; mais à frente, o apoio ao empresário dono de uma rede de calçados, André Nunes, posteriormente o apoio ao pecuarista Cristiano Machado, candidato à presidência da República, para depois também abandoná-lo para apoiar Getúlio Vargas, “causador de tantas mortes de dezenas de companheiros enquanto perderam os seus melhores anos de vida no cárceres”.³⁹

Em abril de 1945, o governo Vargas restabeleceu as relações diplomáticas com a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e assinou o decreto de anistia a todos que

37 DIAS, op. cit., p. 56.

38 DIAS, op. cit., p. 56.

39 Idem, p. 56. Como se vê, a militância de base do partido não expressa nenhuma ilusão em relação a Getúlio Vargas ou às outras lideranças populistas como Adhemar e Jânio. Todavia, não é difícil entender o apelo emocional e simbólico que o varguismo passou a expressar nas últimas três décadas. Um dos motes do primeiro mandato de Fernando Henrique Cardoso (1995-1998), o presidente que colocou os princípios do neoliberalismo em funcionamento acelerado, foi “sepultar, definitivamente, a era Vargas”. Traduzindo: diminuir o poder dos sindicatos, inaugurar uma nova era de “liberdade” nas relações entre capital e trabalho, privilegiando o negociado em detrimento do legislado; acelerar as privatizações, diminuindo o tamanho do Estado, tomado como empecilho mastodôntico para a modernização do país. FHC e seu partido, ironicamente o partido da social-democracia brasileira, ajustaram o país à agenda política, econômica e social que marcava uma virada no capitalismo, impulsionando o programa de desestatização, de forma acelerada. Isso acarretou a desregulamentação do mercado do trabalho, a retirada de direitos (porque tidos como privilégios) e a inauguração de uma nova fase do capitalismo (com a retirada do Estado do seu papel de fiador e mediador das relações entre capital e trabalho). Desde a década de 70, os sindicatos enfrentavam, de maneira global, um decréscimo no número de seus associados, o que facilitou que a retirada de direitos pudesse ser convertida num argumento em defesa dos empregos. A implementação da agenda neoliberal não dissimulava mais a ferocidade da luta de classes. Exatamente como resultado desse acirramento, a Era Vargas passou a ser percebida de forma cada vez mais positiva. E a expressão mais clara dessa mudança de percepção foi a declaração do sucessor de FHC na Presidência, o ex-líder sindical do ABC paulista Luís Inácio da Silva, ao dizer em 2003, no seu discurso de posse, que assumia a Presidência exatamente para resgatar a Era Vargas. Ruim com ela, pior sem ela. A Era Vargas e seu legado morreu e ressuscitou em uma década. Os debates acadêmicos não ficam imunes a essas mortes e ressurreições, haja vista como foi tratado o conceito de populismo.

tivessem cometido crimes políticos desde 16 de julho de 1934. O PCB voltou à legalidade e rapidamente alcançou 100 mil membros. Nas eleições de 2 de novembro de 1945, obteve 10% dos votos e elegeu 15 deputados federais e um senador. Assim, o PCB se tornou, em curto espaço de tempo, uma referência central para as reivindicações populares. Seu rápido crescimento pode ser atribuído ao prestígio gozado pela URSS no final da guerra, à consideração pessoal de Prestes e dos comunistas presos, à ausência de uma organização de esquerda que pudesse concorrer com os comunistas⁴⁰ e, não menos importante, à “fórmula organizatória” desencadeada pelos Comitês Democráticos Populares (CDPs). O metalúrgico Alfredo Castanha, que nunca foi membro do PCB, embora tenha sido um fiel eleitor do partido e membro do CDP da Mooca de Baixo, acrescentou outra razão para o sucesso do partido no pós-guerra: “porque a luta do PCB era em favor do trabalhador. Tudo que era bom para o trabalhador era bom pra ele [o partido] Tudo que era bom... Contra a exploração, a miséria, contra a doença, falta de escola”.⁴¹

Foi desse ponto de vista que o também metalúrgico, imigrante lituano e morador do Alto da Mooca Julius Meksenas explicou a popularidade do PCB no pós-guerra:

(...) o governo se impressionou com a presença das comunidades dos centros democráticos, que tinha uma influência enorme em tudo, de serviços que eles exigiam lá, da doutrinação, de tudo lá, e o volume... E a atuação desses centros democráticos é que possibilitou o Partido de ter essa votação. Se não fossem eles...⁴²

Na sua percepção, o sucesso do PCB no pós-guerra se devia a sua inserção capilar nos bairros por meio dos Comitês Democráticos. Por isso, talvez não seja tão surpreendente o rápido crescimento do PCB nos meses posteriores à anistia. Os comunistas sempre tiveram uma atuação muito intensa e continuada no operário bairro da Mooca. Os comitês se espalharam rapidamente e, em poucos meses, quase todos os bairros da cidade organizaram o seu. Em outubro de 1945, já existiam 31 comitês em funcionamento na capital, 28 em Santos e vários outros em processo de organização. Seu funcionamento variava de bairro para bairro, assim como suas estratégias foram se alterando ao longo do tempo. Nos comitês discutia-se todos os problemas do bairro: eletrificação, transporte público, escolas, postos de saúde, serviços de correio, postos policiais, telefones, asfaltamento das ruas, carestia, falta dos gêneros de primeira necessidade etc. Esses debates politizavam os problemas locais de uma forma inusitada. Além disso, os comitês ofereciam alternativas de colocação no mercado de trabalho: cursos de corte e costura, química industrial, datilografia, instruções básicas de eletrificação, instruções para serventes de obras, cursos de alfabetização. Ofereciam também assistência social; alguns

40 “(...) um elemento deve ser aqui situado e desenvolvido. Malgrado suas análises estratégicas e táticas, suas palavras de ordem e todo o oportunismo, o PCB conseguiu concretizar fórmulas organizatórias, demonstrando, ao menos, durante algum tempo, extrema competência mobilizadora.” ALEM, Sílvio. **Os trabalhadores e a ‘redemocratização’**: 1942/1948. 1981. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1981.

41 CASTANHA, Alfredo (depoimento, 1999). Entrevista concedida ao autor, São Paulo, 6 de maio de 1999. As referências aos CDPs estão em DUARTE, op. cit., 2018.

42 MEKSENAS, Julius. (depoimento, 1999). Entrevista concedida ao autor. Florianópolis, 15 de abril de 1999.

comitês tinham creches, outros montaram postos de saúde com médicos voluntários, aplicação de injeções, cursos de primeiros-socorros, distribuição de medicamentos, dentre outros serviços. Em alguns casos, a atuação dos comitês foi além e organizou arrecadação de fundos para evitar despejos, para pagar contas de luz e água em atraso, para promover festa de Natal em 1945 e 1946, construir escadaria em estação de trem, para a qual envolviam os lojistas de material de construção, engenheiros e outros profissionais. Em resumo, os comitês deram forma a uma série de reivindicações por direitos que explodiu com o fim do Estado Novo, no trabalho, na moradia, no transporte, na educação, no lazer etc. Deram sentido a uma agenda política e social centrada nas demandas dos moradores dos bairros. A existência dos CDPs encenava publicamente a condição dos bairros periféricos e, com isso, trazia à luz as condições sociais da população trabalhadora da cidade. A descrição das mazelas dos bairros de norte a sul, leste a oeste da cidade, punha em questão o modelo de cidade que estava se construindo e desvendava o que foi a “redemocratização” do ponto de vista da classe trabalhadora. Os comitês deram visibilidade a uma situação bastante complexa, que colocava as mais simples e imediatas demandas populares na agenda da “grande política”.

Talvez por ser mais crítico das direções partidárias, Eduardo Dias tenha uma percepção negativa à criação dos Comitês Democráticos e Populares, a partir de 1945:

O povo não tomou conhecimento desse tipo de organização. O que acontecia era que saíamos da reunião da célula e depois nos encontrávamos nos Comitês Populares, discutindo os mesmos problemas da célula. Nessa coisa dita popular, nós os comunistas nos portávamos como policiais. Vigiávamos as pessoas estranhas a nosso meio. Procurávamos controlar as eleições da organização, elegendo, melhor dito, tirando do bolsinho do colete, as pessoas comunistas que desejávamos na direção. Era uma coisa artificial vinda de cima. Não tinha consonância com a realidade. Era uma espécie de soviete. Na verdade, era uma cópia fiel desse tipo de organização.⁴³

O objetivo dos comitês era dar capilaridade ao PCB e arrematar novas lideranças tendo como foco a discussão dos problemas locais. João Louzada também manteve uma atuação crítica às direções do partido, mas tomou o chamado à criação dos Comitês Democráticos como um divisor de águas. Ele qualifica esses anos do imediato pós-guerra como uma “avalanche democrática”, na qual as organizações de bairro, os CDPs, se juntavam às comissões de fábrica e pressionavam os sindicatos para a ação:

Aí veio a anistia, o próprio empregador – não sei se com medo, né! – tinha uma tendência democrática. Ele emprestou os caminhões para a gente levar as pessoas para o Pacaembu quando o Prestes veio aqui. Eram aquelas caravanas que vinham dos bairros tudo, né! Depois veio a Força Expedicionária... mas que festa linda, na Av. São João era gente por todo lado. Depois veio a constituinte. Os partidos foram liberados... Aí veio a Constituição. Aí nós começamos a abrir sede [Comitê Democrático e Popular] por todo lado, eu trabalhava nessa fábrica no Belém. Nós abrimos uma sede na rua Belém, e eu era secretário de agitação.⁴⁴

43 DIAS, op. cit., p. 59.

44 LOUZADA, idem, 1998.

Como secretário de agitação do CDP da Mooca de Baixo, Louzada tinha a tarefa de fazer a ligação do comitê e do PCB com as fábricas da região. Nessa função, ajudou a organizar dezenas de comissões de fábrica.

Formávamos comissões dentro das fábricas, isso era por todo lado, e ligávamos com o partido e os sindicatos. Era uma luta tremenda, né! Tinha um líder no movimento têxtil que era muito perseguido, chamava-se Roque Trevisan. Então me liguei a ele e trabalhava com ele. Na presidência do sindicato dos têxteis havia um Sr. democrata que apareceu no processo do avanço democrático e chamava-se Domingos Mano. Então a gente dentro do sindicato tinha liberdade de discutir os problemas, criar comissões, tudo. Aí vieram as eleições. Eu trabalhei para eleger o Roque Trevisan, deputado estadual, ele foi eleito. Para federal eu trabalhei para o José Maria Crispim, também foi eleito. A bancada comunista se destacava, era uma bancada pequena de 14 elementos. Havia muita prisão, por causa dos movimentos nas empresas. Mas aí os deputados arrumavam advogado... Era uma luta tremenda.⁴⁵

As comissões de fábrica também se envolveram na luta pela regulamentação do direito aos domingos e feriados remunerados para quem trabalhasse 48 horas semanais. A campanha percorreu o Brasil, culminando com um encontro no Rio de Janeiro em que se confrontaram os dirigentes sindicais do “tempo da ditadura do Estado Novo” e as novas lideranças formadas no processo de redemocratização.

Aí disseram que o congresso era comunista... Aí saiu a resolução: nas empresas fundamentais nós deveríamos levantar o problema e criar comissões ligando a empresa e o sindicato, para à medida que a massa ia se organizando, exigir os direitos que estavam na Constituição. Então, nós aproveitamos na fábrica e junto com isso nós encaixamos o problema da insalubridade na tinturaria, exigindo botas e luvas para os trabalhadores. Isso mobilizou toda a fábrica, e eu fazia parte da comissão. Nós discutíamos no sindicato, depois vínhamos na fábrica e discutíamos com os trabalhadores.⁴⁶

Nessa campanha, a comissão de fábrica, na qual João Louzada trabalhava, decidiu entrar em greve. Depois de oito dias de paralisação, o patrão (até então reputado como democrático e que havia ajudado fornecendo um caminhão para os operários participarem do comício do Pacaembu) se reuniu com a comissão interna e aceitou todas as reivindicações, com a condição da greve ser encerrada. Alguns dias depois, Louzada foi demitido.

Os jornais dizendo: agitador profissional etc. Aí eu arrumei emprego na tecelagem Santa Lúcia, na avenida Cassandoca (...) aí eles gostavam do meu trabalho, porque nunca fui chamado na sala porque a peça tinha defeito, eu preferia perder um tempo, mas tirar o defeito, nunca gostei de ser chamado no serviço.⁴⁷

45 Idem, *Ibidem*. As comissões de fábrica tiveram um papel muito importante na organização dos trabalhadores nesse período de abertura. Há um intenso debate na história social do trabalho sobre o seu papel e o seu funcionamento (Ver, por exemplo: COSTA, Hélio. **Em busca da memória: comissão de fábrica partido e sindicato no pós-guerra**. São Paulo: Scritta, 1995. BUONICORE, Augusto César. **Os comunistas e a estrutura sindical corporativa (1948-1952): entre a reforma e a ruptura**. 1996. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996. WOLFE, Joel. “Pai dos pobres” ou “Mãe dos ricos”? Getúlio Vargas, industriários e construções de classe, sexo e populismo em São Paulo, 1930-1954”. **Revista Brasileira de História**, v. 14, n. 27, 1994.

46 Idem, *ibidem*.

47 Idem, *ibidem*. Nas duas longas entrevistas que me concedeu, Louzada não se refere à política de contenção

Em 7 de maio de 1947, quando o Tribunal Superior Eleitoral votava o pedido de cancelamento do registro legal do PCB, a direção partidária emitiu uma ordem para paralisação de todas as empresas. João Louzada e seus companheiros conseguiram paralisar a tecelagem Santa Lúcia, mas não conseguiram evitar a cassação do registro do partido. Louzada foi demitido da Santa Lúcia, mas dessa vez seu nome foi posto na “lista negra” patronal (lista que os patrões sempre negam existir). Ele nunca mais conseguiu emprego em uma indústria têxtil. Sem possibilidade de colocação, foi trabalhar com o pai na construção civil.

Política e lazer

O RESULTADO DAS ELEIÇÕES municipais de novembro de 1947, a primeira eleição para o Legislativo municipal desde 1936, dá o tom da “avalanche democrática” mencionada por Louzada. A cidade de São Paulo havia se modificado muito desde a última eleição municipal em 1936: com 1,3 milhão de habitantes, 50.987 eleitores haviam comparecido às urnas. Em 1947, eram 2,2 milhões de habitantes e 355.425 eleitores, divididos entre 1.783 seções de votação. Ilegal desde maio daquele ano, o PCB apresentou seus candidatos pelo Partido Social Trabalhista (PST) e elegeu 15 vereadores, recebendo um total de 72.985 votos, sendo o partido mais votado nessa eleição, na capital.⁴⁸ O registro legal do PCB fora cassado em maio, mas apenas em janeiro de 1948 os parlamentares eleitos pela legenda do PCB tiveram seus mandatos extintos. Não foi difícil estender a extinção dos mandatos também aos “candidatos de Prestes” eleitos pelo PST.⁴⁹ Especificamente na Mooca, dos 30 mil eleitores, aproximadamente, os “candidatos de Prestes” tiveram 1/4 de todos os votos: o pedreiro Luiz João; o metalúrgico Antônio Donoso Vidal; o guarda-civil Afonso Liguori e a operária têxtil Faustina Bonimani, sendo os dois primeiros eleitos. Em nenhum outro momento na história da Câmara Municipal de São Paulo candidatos declaradamente de esquerda e com forte inserção popular obtiveram votação tão expressiva.⁵⁰ Portanto, não parece exagerada a afirmação de Louzada:

e conciliação do PCB, mencionada com tanto desgosto por Eduardo Dias como um erro. No entanto, fica claro pelas suas ações que “apertar o cinto” e “conter as greves” não parecia fazer parte do seu horizonte de expectativas.

48 No total, 15.784 votos em branco e 9.443 votos nulos. O Partido Social Progressista elegeu 11 vereadores, com um total de 66.829 votos; a União Democrática Nacional elegeu sete, com 46.625 votos; o Partido Social Democrático elegeu cinco vereadores, com 31.406 votos; o Partido Trabalhista Brasileiro elegeu quatro vereadores, com 29.159 votos; o Partido Democrata Cristão também elegeu quatro vereadores, com 24.898 votos; o Partido Republicano elegeu três vereadores, com 23.761 votos; o Partido Trabalhista Nacional elegeu três vereadores, com 20.192 votos. Informações sobre essa eleição e sua vinculação com o associativismo de bairro estão em texto ainda no prelo: *Organização popular e democracia: a experiência dos Comitês Democráticos e Populares e a eleição municipal de 1947 em São Paulo*.

49 Diante da hipótese de perda de mandato eletivo não expressamente prevista na Constituição Federal, editou-se a Lei nº 648, de 10 de março de 1949, que estabeleceu em seu artigo 1º: “Os lugares tornados vagos nos corpos legislativos, em consequência do cancelamento do registro do Partido Comunista do Brasil, pela Resolução nº 1.841, de 7 de maio de 1947, do Tribunal Superior Eleitoral, caberão a candidatos de outro ou de outros partidos, votados na eleição de que se tenham originado os mandatos”. Ver CANCELAMENTO de registro do Partido Comunista Brasileiro. **Tribunal Superior Eleitoral**. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/jurisprudencia/julgados-historicos/cancelamento-de-registro-do-partido-comunista-brasileiro>. Acesso em: 25 abr. 2022.

50 Assim, perderam o mandato à Câmara Municipal: Adroaldo Barbosa Lima, 4.010 votos; Antônio Donoso Vidal, 4.198 votos; Armando Pastrelli, 3.105 votos; Benedicto Jofre de Oliveira, 4.203 votos; Benone Simões,

Então, é o seguinte: a Mooca era um bairro revolucionário... Mooca, Belém, Ipiranga... é porque onde tinha muitas indústrias, né! Então, ali na esquina, faz um círculo assim, né. Rua Oratório, rua da Mooca e av. Paes de Barros. Ali era uma praça, foi até considerada a praça vermelha. Quando tinha comício, enchia tudo. Não passava nem trânsito ali.⁵¹

Mas não foram apenas os Comitês Democráticos e a política que aproximaram os comunistas das demandas concretas dos bairros periféricos.

Mas aqui sempre foi um lugar muito alegre, acho que por causa das colônias que vinha para cá (sic). Mesmo aqui no Alto da Mooca, que era um bairro mais pobre que a Mooca baixa. Tinha festa na vila húngara, era festa por todo lado. Na rua da Mooca tinha um salão, novinho, que era da colônia italiana chamado *DoppoLavoro*. Tinha bilhar, muito baile. Na vila húngara tinha também um salão de baile. Por exemplo, eu joguei bola no Az de Ouro, era só gente das colônias estrangeiras.⁵²

As festas, os clubes esportivos, os bailes tinham uma dupla função: em primeiro lugar, a diversão, mas também “era uma forma de se aproximar da massa e arregimentar gente para a luta política”.⁵³

Tudo para a luta política. Depois formou clube que eu sou fundador: “Progresso Paulista”. Eu fui jogador, fundador, depois presidente. Fomos vice-campeões varzeanos da capital. No último jogo nós perdemos do Flôr do Ipiranga por 4x2. Aqui no campo da Rua Siqueira Bueno.⁵⁴

Na verdade, não havia separação entre lazer e política. Eduardo Dias é mais incisivo nesse aspecto, mostrando que o envolvimento com os clubes esportivos e o lazer era uma tática desenvolvida pelas bases do PCB.

Os companheiros das bases estavam cansados de tanta ordem estúpida, ou pior, de má fé, o que seria pior. Primeiro a greve, a que fomos contra, sendo escorraçados das fábricas, como as do Crespi, onde, junto com os companheiros, tivemos que correr para não apanhar dos operários. Depois, a tal palavra de ordem “apertar o cinto” (...) Afinal, já sem paciência chegamos ao fim, mandamos à merda os oportunistas e carreiristas que teimavam em permanecer comodamente nesse tipo de organização e partimos com os antigos companheiros da base e mais os novos jovens revolucionários para pôr em prática uma ideia que amadurecia em nosso meio – a formação de uma sociedade esportiva que pudéssemos aglutinar a juventude em geral, sem restrições ideológicas. Fundamos o Clube Esportivo Dínamo Paulista.⁵⁵

2.197 votos; Calil Chade, 3.085 votos; Carlos Niebel, 1.747 votos; Elisa Kauffmann Abramovich, 2.940 votos; Iturbides Bolivar de Almeida Serra, Var de Almeida Serra 3.505 votos; Luiz João, 1.813 votos; Mário de Souza Sanches, 5.804 votos; Mauro Gattai, 1.779 votos; Meir Benaim, 2.970 votos; Orlando Luís Pioto, 4.933 votos; Raimundo Diamantino de Souza, 2.249 votos. (Ver SALVADORI FILHO, Fausto. Uma correção histórica: câmara restitui mandatos de 42 parlamentares cassados entre 1937 e 1969 por ações autoritárias de ditaduras e democracias. **Revista Apartes**, São Paulo, p. 21-35, nov. 2013. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/apartes-antiores/revista-apartes/numero-3-novembro2013/no03-uma-correcao-na-historia/>. Acesso em: 25 abr. 2022. Ver também Tribunal Regional Eleitoral, caixas 3.247 e 7.944. Os cassados em 1947/1948.

51 LOUZADA, idem, 1998.

52 Idem, ibidem.

53 LOUZADA, idem, 1998.

54 LOUZADA, op. cit., 1998.

55 DIAS, op. cit., p. 60.

O Dínamo Paulista, criado no Alto da Mooca, agregou a comunidade eslava, predominante nessa região do bairro. Mas não era apenas o Dínamo. O Democrático, o Rumânia e o Hurareau eram todos clubes da Mooca, Belém, Brás, Ipiranga, que, de algum modo, mantinham vinculação com o PCB. A ação foi um sucesso, em um mês o Dínamo já tinha uma sede na esquina das ruas Bixira com Oratório. Móveis, mesa de pingue-pongue, camisas, meiões, tudo conseguido com doações. Na sede do clube havia palestras sobre os mais variados temas que afetavam a vida do bairro: legislação trabalhista, carestia, serviços públicos como transportes, creches, correios, pavimentação, eletrificação etc.

O clube participava dos comícios. As companheiras ensinavam costura (...). As moças já não iam ao clube só para os bailes. Iam também participar das reuniões da diretoria. Criaram-se outros departamentos para que elas pudessem contribuir. O clube passou a orientar e inscrever eleitores (...) Esporte e política viviam irmãmente, um ajudando o outro.⁵⁶

Esse tipo de organização, Eduardo e João concordavam, o povo entende. Era ali que se praticava uma vida coletiva e solidária.

Você vai lendo o marxismo ele vai te dando responsabilidade junto às massas, compreende. É que foi desvirtuado. Se burocratizaram e se isolaram das massas. Eu sempre falo: se isolou das massas, depois ele vira fanfarrão! Ele vai num lugar e faz um discurso parece que ele vai tomar conta do mundo, mas nas palavras ele quer esconder o oportunismo dele junto às massas, compreende? Então é o seguinte, o problema era o povo ter divertimento e gostar de você. Porque é você que tá arrumando os divertimentos, você larga os problemas familiares, larga de tudo, né! Então quando eu ia numa reunião do partido eu dizia assim: nós temos que recrutar todas aquelas pessoas que estão nos clubes, que ensebam chuteira, que leva o saco de bola, de camisa, aquele já nasceu comunista, ele não sabe, mas já nasceu.⁵⁷

Era nessa convivência diária, na camaradagem dos clubes, dos bailes, do futebol que se desenvolvia o espírito coletivo capaz de realizar tarefas acima das expectativas.

Não vivíamos isolados como se fôssemos uma seita. Essa foi a grande razão de nunca, nos dez anos de militância ativa, termos um companheiro preso, detido por qualquer atividade revolucionária. Os companheiros sempre participavam desse tipo de organização no bairro (...) devido ao número elevado de participantes surgiam sempre novas ideias. Daí a facilidade com que superávamos as dificuldades. Com a movimentação constante do clube, muitos quadros para o partido foram recrutados.⁵⁸

No período eleitoral, a atividade nos clubes era particularmente intensa, mas desenvolvida de forma a colocar em xeque as mais sofisticadas teorias do populismo como mera manipulação das massas ignorantes e sem consciência.

Depois nós tivemos uma sede linda ali na esquina da rua Falcão com rua Siqueira Bueno, num sobrado. Eu ainda não era vereador. Eu arrumei esse terreno aqui [onde hoje está sua casa] com o dono do terreno pra fazer um campo. Aí fui na Câmara Municipal e arrumei pra passar um trator aqui, né!

56 Idem, ibidem.

57 LOUZADA, op. cit., 1998.

58 DIAS, op. cit., p. 61.

Então ficou nosso o campo aqui. Enchia, viu! Porque quando chegou eleições (sic), eu tinha contato com esses políticos, viu! Então arrumava aparelho de som tudo, quando era no domingo nós já tinha (sic) pau enterrado em roda do campo, uns caibros. Então punha os aparelhos de som, assim os microfones, e logo de manhã jogava o juvenil, de tarde é que jogava o União. Então era bonito, viu? Enchi isso aqui rapaz de fora a fora... Enchia e depois tinha baile na sede. Então eu trazia as pessoas pra ver o candidato, tudo isso, né! Então, quando chegava a eleição o pessoal dizia: “Seu João, quem é seu candidato?”, né!⁵⁹

Esses foram tempos difíceis. A luta contra o nazifascismo dentro e fora do Brasil; a luta contra a ditadura antioperária do Estado Novo, com traços fascistas e extremamente violenta; a luta contra um patronato acostumado a mandar sem contestação, tratando o chão de fábrica como seu mundo do mando privado, como se ainda vivessem nas fazendas da escravidão; a luta contra uma estrutura política sofisticadamente organizada para evitar a expressão da vontade popular e negar a participação política dos trabalhadores; a luta contra um sistema judiciário classista, não apenas na origem de juízes, promotores, desembargadores e advogados, mas na lógica da defesa do *status quo*, do capital e do livre mercado; a luta contra uma polícia historicamente violenta, a intérprete, no cotidiano da cidade, do certo e do errado, do justo e do injusto, herdada da ditadura, para a qual a tortura e o espancamento eram a regra e a pena de morte apenas mais uma de suas atribuições.

Na verdade, os tempos eram sombrios! Os comunistas podem ser acusados de muitas coisas, mas não de apatia, letargia, medo ou falta de criatividade. Talvez sua coragem se alimentasse da certeza, que não temos mais, da iminência da revolução. Mas nós, que vivemos também um tempo sombrio, um tempo em que é “mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo”,⁶⁰ precisamos da sua inspiração para superar nossa apostasia, nossa apatia, nosso medo e nossa falta de criatividade.

Recebido em 13/05/2022

Aprovado em 07/10/2022

59 LOUZADA, op. cit., 1998.

60 JAMESON, Fredric. Future City. *New Left Review*, 21, maio/junho, 2003. Disponível em: <https://newleftreview.org/issues/ii21/articles/fredric-jameson-future-city>. Acesso em: 29 nov. 2020.